

Etnológico é devedor de numerosas provas de dedicação, remeteu um caco com grafito, encontrado por pessoa de sua família no *Outeiro da Assenta*. As letras gravadas sôbre a pasta sêca parecem de tipo arcaico ou cursivo romano, correspondendo a **Λ<IX**.

Deve entender-se que se trata de um fragmento cerâmico, onde três caracteres não estão completos; apenas um, o segundo, o parece estar. Ao último falta o provável prolongamento de uma das hastes. Também por isso, não se pode verificar se havia mais letras no vaso, para trás ou para diante destas quatro. Não era raro, na etnografia romana, inscrever o nome do defunto, ou alguma fórmula, em vasos sepulcrais. Êstes tipos de escrita são anteriores à era christã, mas na Assenta os vestígios romanos são pouco abundantes (*Cours d'épigraphie latine* par R. Cagnat; Paris, 1889, p. 2).

Aqui interrompi os meus trabalhos. A segunda campanha foi feita em 1913, quando eu já não pertencia ao Museu Etnológico.

(Continúa).

F. ALVES PEREIRA.

Antiguidades de Tomar

Officio ao Sr. Presidente do Conselho dos Monumentos Nacionais

Havendo-me V. Ex.^a incumbido de ir a Tomar examinar as ruínas romanas chamadas «de Nabância», para, depois do exame, eu dizer se elas merecem, ou não, ser conservadas, venho desempenhar-me da honrosa missão.

Parti de Lisboa no dia 22 à noite, e no dia 23 de manhã dirigi-me para o local das ruínas, em companhia do meu colega e amigo Dr. Vieira Guimarães, que, sabendo da minha visita, quis dar-me o gosto de andar comigo.

As ruínas ficam em uma propriedade particular no sítio dos *Cardais*, e chamam-se *Nabância*, depois que Possidónio as crismou assim¹: constam essencialmente de restos de casas que estiveram arruadas, de um pavimento de mosaico policrómico (*opus vermiculatum*), já muito deteriorado, e de fragmentos de colunas dispostas em filas ainda *in situ* (bases quadradas de pedra e fustes formados de fiadas circulares de tijolo²), e distanciadas entre si 1^m,84, e do mosaico

¹ *Boletim do Carmo*, III (1882), 152-154.

² Cada fiada compõe-se de quatro quartos de círculo agrupados entre si, conforme o modelo que se vê no *Arch. Port.*, I, 315.

uns 10 metros. Entre a fila de colunas de que falei, e o mosaico, há duas outras bases de colunas avulsas. (Vid. um esquema na fig. 1). Pelo chão descobrem-se pedras de tégulas e de mós, e em um sítio está meio soterrado um *dolium*, quebrado.

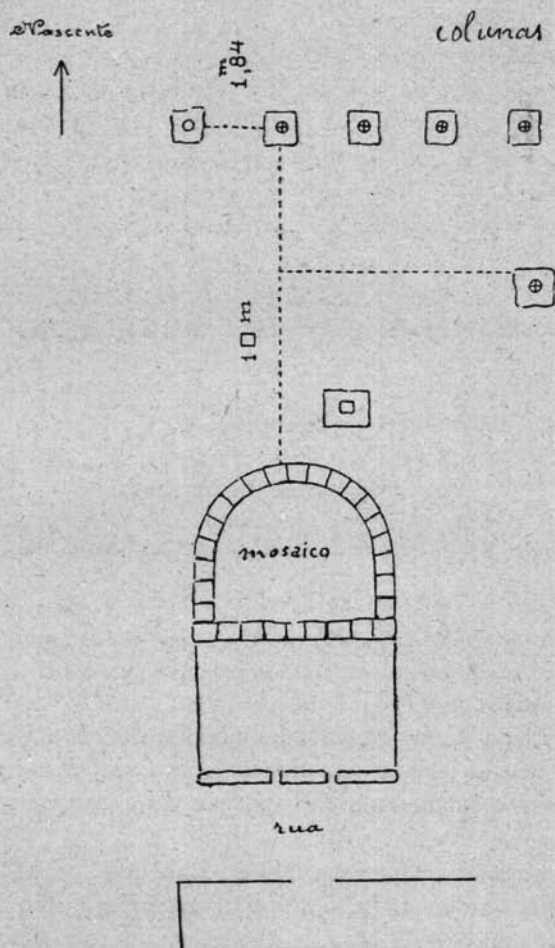


Fig. 1

Nestas ruínas apareceram vários objectos de que Possidónio deu noticia em 1882¹, e alguns dos quais se acham guardados em uma casa moderna, pertencente à propriedade em que jazem as ruínas; entre êsses objectos vi: muitos *pondera* ou pesos de barro, de várias

¹ *Boletim do Carmo*, III (1882), 152-154.

formas, um de êles com uma marca estrelada no tampo (fig. 2), outro com um sulco em volta da abertura do buraco transversal (fig. 3); asas, bocais, colos e fundos de ânforas de barro, de idade posterior ao séc. I (vid. um colo na fig. 4); pedaços de lucernas, também posteriores ao séc. I, de tijolos ou *lâteres*, e de vasilhas pequenas grosseiras; pedaços de barro com impressões de patas de animais (cabra, etc.), feitas quando o barro estava ainda fresco,—curiosidade que não raro se nota nas ruínas desta espécie; pedaços de *terra sigillata*, mas sem marcas; discos de vidro branco, talvez tésseras de jôgo; *molae manuariae* ou mós de mão; *imbrices* ou telhas curvas; um cabo de bronze, de espelho ou de pátera (fig. 5); moedas de cobre dos sécs. III e IV, de Cláudio II¹, Licínio Senior², Constâncio II³, etc.; bases ou capitéis de colunas de pedra.

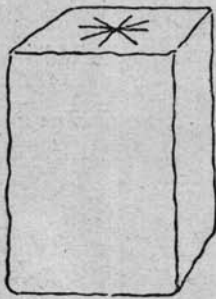


Fig. 2

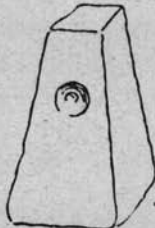


Fig. 3

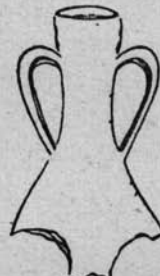


Fig. 4



Fig. 5

Disse eu acima que foi Possidónio quem crismou de *Nabância* as ruínas. A felicidade que assistiu ao prestimoso arqueólogo, e fundador do Museu do Carmo, quando as descobriu, desamparou-o na denominação que às mesmas deu, porque o pouco que sabemos de *Nabância* não nos autoriza a localizá-la ali.

O mais antigo livro que nos fala de *Nabância*, e que Possidónio desconheceu, é, que eu saiba, o *Breviarium* da igreja de Braga, impresso nessa cidade em 1494, e de que existe um raríssimo exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa: aí se conta o martírio de Santa Iria,

1 IMP · C · CLAVDIVS AVG
IOVI VICTORI

2 IMP LICINIVS ····, no exergo: PAR.
SOLI INVICTO COMITI

3 FL · IVL · CONSTANTIVS NOB · C, no exergo: *
GLORIA EXERCITVS

sucedido, segundo êle, no séc. VII¹, no tempo em que *Castinaldi e Casie*, sua esposa, tinham o govêrno de Nabância (*qui principabantur apud NABANTIAM*), e habitavam ao pé de uma torrente chamada *Effon*, que deve corresponder ao Nabão². Antes do séc. XV nenhum outro texto impresso conheço que fale de Nabância³.

Se queremos denominar *Nabância* um local em que existam vestígios do passado, êsse só poderia ser a margem esquerda do rio, à entrada de Tomar para quem vai de Coimbra: aí está o convento e igreja de Santa Iria; aí o poço ou pego onde a lenda narra que arremessaram a santa. Nos campos que ficam separados do convento e igreja pela estrada coimbrã tem aparecido, segundo me informa o Sr. Dr. Vieira Guimarães, alicerces de casas, tijolos queimados (lares), cimalhas, fragmentos de estátuas, etc.⁴ Um touro de pedra, que foi embutido num ângulo do convento, e que de longe se vê perfeitamente, é provável que também provenha de êsse campo. Todavia não é sem certa reserva que faço a afirmação que há pouco fiz, pois não desejo que de futuro algum arqueólogo me acuse de crismador, como eu, embora às boas, acusei o benemérito Possidónio, conquanto já em 1618 Isidoro de Barreira, na *História de Santa Iria*, logo no frontispício do livro, identifique Nabância com Tomar.

*

Antes de chegar à conclusão a que pretendo chegar, permita-me V. Ex.^a que o informe do achado de duas pedras de certo mérito, uma da época romana, outra da época medieval. Ambas elas me foram indicadas pelo Dr. Vieira Guimarães.

A pedra romana está na base da tórre de menagem do castelo de Tomar; appareceu por 1912, quando a tórre se desentulhou. Mede 0^m,89 (altura) \times 0^m,50 (largura) \times 0^m,50 (espessura) *plus minus*, e tem na parte superior de uma das faces maiores uma inscrição de bela letra do séc. I, de 0^m,095 de alto na 1.^a linha, e 0^m,007 na 2.^a, e diz:

GENIO
MVNICIPI

¹ O texto diz *ãno. dñi. m. liii*, mas deve entender-se *m* por *ui*, o que dá 653, data que combina com a que vem no *Breviarium Eborense*, Lisboa 1548, columna 1600-1606.

² Não cito a página, porque o Breviário não tem paginação.

³ Cf. Florez, *España Sagrada*, XIV, 402.

⁴ Cf. *O Arch. Port.*, I, 13-15.

isto é, «ao Génio do município», — inscrição que nos prova que a antiga povoação romana (Nabantia?), de que provêm Tomar, pertencia à classe dos municípios. Esta inscrição, até agora inédita, é comparável a uma de Midões, pela natureza da divindade a quem era consagrada¹. Não erraremos supondo que a pedra de que estou tratando provém dos campos de que acima falei, situados à entrada da cidade; de lá provieram igualmente as outras lápides epigráficas que fazem parte das paredes do castelo, e que, por serem muito conhecidas, não especifico aqui.

A pedra medieval está encaixada no lado interior de um dos muros do cemitério. Contém também uma inscrição, que, por estar muito cheia de cal, que me foi necessário raspar delicadamente com as unhas e com um estilete de pau, me custou um pouco a ler; mas apurei o texto, que diz:

VII : NONAS : MA
 GII : OBIT : GARSIA
 : VERMVDI : CVI : SI
 T : BÆTA : REQVES
 : E : M : CCXIII : ✠

isto é: «no dia 7 antes das Nonas de Maio morreu Garsia, filho de Vermudo, o qual tenha repouso feliz; era de 1213». Êste texto presta-se a várias considerações, de cronologia, paleografia e filologia, que por brevidade omito; basta notar que a era de 1213 corresponde ao ano de 1171, data verdadeiramente respeitável em inscrições de Portugal².

*

Da minha rápida visita às ruínas que Possidónio chamou *Nabância*, nome que muito quadrou nos Tomarenses, concluí que, embora elas sejam modestas, vale a pena conservá-las, tanto mais que, com a aquisição do respectivo terreno, com a feitura de um telheiro que abrigue o mosaico, e a de um tugúrio em que se recolha o guarda

¹ Vid. *Religiões da Lusitania*, III, 296.

² Por esta lapide estar exposta ao tempo, e arriscadíssima a ser estragada pelos visitantes do cemitério, officiei em 3 de Dezembro de 1913 e 25 de Fevereiro de 1914 ao Ex.^{mo} Presidente da Câmara Municipal de Tomar, pedindo-a para o Museu Etnológico. Tive como resposta, em 3 de Março, que a Ex.^{ma} Comissão executiva da mesma Câmara pensava na fundação de um Museu onde a pedra ficaria; e por isso é de crer que esta já esteja agora guardada, e a bom recato, em lugar seguro.

e se conservem os objectos arqueológicos hoje expostos em casa de empréstimo, se despendirá quantia deminutíssima.

Estas ruínas relacionam-se com outros restos romanos de Tomar, a que acima me referi; portanto tem importância para os anais da terra: e é dever de quem superintende em cousas de interesse público velar por elas. Além de isso *Nabância* é muito conhecida, já mesmo ao longe: a sua notoriedade leva a Tomar forasteiros curiosos de ver velharias: que se diria se o Governo, sob proposta do Conselho dos Monumentos, mandasse apagar aquilo que Possidónio, inspirado em nobres sentimentos de amor da pátria e da história, com tanto afeto desenterrou do chão?

J. L. DE V.

Carimbagem de patacas em S. Tomé

O alvará de 26 de Fevereiro de 1643 (Aragão, *Descrição das moedas*, p. 266, vol. II), que determinava a carimbagem das patacas então em circulação, estabeleceu que essa carimbagem se effectuasse no Pôrto, Évora, Faro, S. Salvador, Baía, Rio de Janeiro, Maranhão e nas ilhas de S. Tomé, Cabo Verde, Terceira, S. Miguel e Madeira.

Pelo documento abaixo transcrito prova-se que essa carimbagem se realizou de facto em S. Tomé e que tinha cessado em 1658 pela quebra dos carimbos.

Por julgar inéditos estas pormenores, parece-me curiosa a divulgação do documento cujo original se acha em meu poder.

Os carimbos a que se refere o citado alvará são conhecidos e podem ver-se em Meili, vol. II, p. 21, fig. 1 a 6, onde se vêem duas variantes do carimbo de 480 e três do de 240, provavelmente correspondentes a outros tantos locais de carimbagem.

Segue-se o documento:

«Carlos de Napoles Cavaleiro professo da ordem de nosso Sn^r Iesus Christo, Gu^{or} e Cap^{am} Gn^{al} d'esta Ilha de S Thomé & seus districtos por Sua Mg^{de}:

Certifico que entrando a governar esta ilha achei morador n'ella a Ant^o de Barros Castello-Branco e por q^{to} por carta especial de sua Mg^{de} que trouxe de Portugal cõ hũ cunho cõ o qual o ditto Sn^r me ordena mandasse cunhar todas as patacas em .. (?)¹. E porque cõvinha

¹ Talvez haja a palavra que aqui falta, correspondente à idea de «curso», «circulação».